

XXIX Encontro Anual da ANPOCS

25 a 29 de outubro de 2005-08-25

GT “Pessoa, família e ethos religioso”

“Doutrina, experiência religiosa e “mudança de vida”: a (re) formação das relações familiares e da moralidade entre neopentecostais e protestantes.”

históricos.

Ana Keila M. Pinezi

Doutrina, experiência religiosa e “mudança de vida”: a (re) formação das relações familiares e da moralidade entre neopentecostais e protestantes históricos.

Ana Keila M. Pinezi

O presente trabalho é fruto de pesquisa etnográfica feita, na ocasião do doutoramento, com dois grupos evangélicos, um protestante histórico, outro neopentecostal, ambos da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. O interesse deste trabalho foi interpretar como a doutrina religiosa interfere na vida privada dos adeptos desses dois grupos religiosos que se fundamentam em campos teológicos diferenciados.

A análise dos dados coletados foi feita com base na comparação entre esses grupos religiosos. O grupo neopentecostal estudado foi o da Igreja Internacional da Graça de Deus e o protestante histórico foi o da Igreja Presbiteriana do Brasil. Os depoimentos citados no texto são de pessoas que fazem parte do rol de membros dessas duas igrejas. Foram entrevistados quatro casais de cada grupo religioso que se encontravam na faixa etária entre os 24 e 37 anos de idade.

A "paz" no lar: a possibilidade de vivênciá-la através do exorcismo

Tudo que não dá certo é o demônio.

(Pastor da Igreja Internacional da Graça de Deus)

Os conflitos domésticos, assim como a enfermidade e a pobreza, também são explicados pelos neopentecostais como fruto da intervenção de demônios, que têm funções específicas como promover a infidelidade, a sedução ("Espírito de Jezabel") e a inquietação e a traquinagem das crianças ("Espírito de Cosme e Damião"). Estamos diante do que Sanchis (1996) chamou de "policentrismo do mal". Não é por acaso que o número de pessoas em três cultos específicos da Igreja Internacional da Graça de Deus é muito maior que nos "comuns". Os cultos especiais acontecem durante a semana e são os seguintes: "Corrente da Prosperidade" (às segundas-feiras), "Corrente da Família" (às quartas-feiras) e "Corrente da Libertação" (às sextas-feiras).

A expulsão ou o exorcismo da vida das pessoas desses espíritos malignos não se dá de uma forma rápida e simples. O ritual envolve uma ou mais "entrevistas"¹ com esses espíritos até que a pessoa possesca caia ajoelhada e fique claro, então, a toda a comunidade que os "espíritos malignos" renderam-se ao poder de Jesus Cristo, poder este concedido àqueles que têm uma notoriedade "espiritual" e liderança diante dos fiéis "comuns".

Na maioria dos relatos, os casais contam as bênçãos de libertação que usufruíram depois de purificados, bênçãos estas sinalizadas pela melhora nas relações familiares e na situação financeira. O testemunho de Paulo, adepto da Igreja Internacional da Graça de Deus, é extremamente relevante na medida em que demonstra como os conflitos, principalmente de ordem familiar, foram amenizados com a ajuda da igreja. Inicialmente, Paulo nos conta que as freqüentes idas da esposa à Igreja Universal do Reino de Deus, a neopentecostal de maior expressão no Brasil, o deixaram muito irritado e violento com ela. Ele diz que depois de ter chegado de uma "noitada", a esposa não estava em casa, mas na igreja (ela freqüentava, nessa época, a Igreja Universal do Reino de Deus. Depois, migrou, juntamente com o marido, para a Igreja Internacional da Graça de Deus). Conta-nos, então, que foi buscá-la na igreja e disse o seguinte:

(...) Eu peguei e falei pra ela: "vamo embora!" Ela pegou e falou assim: "não, tá acaban..." Eu falei: "não, não era pro cê assistir nem o começo, cê já tá assistindo o fim? Vamo embora! Cê já assistiu o começo, tá bom demais!" Ela pegou, falou assim: "não, espera!" Eu falei assim: "bom, cê quer ir embora por bem ou cê quer ir embora por mal?" Aí, a mãe dela olhou pra mim e falou assim: "Dim, respeita, o pastor tá falando." Eu falei: "não, eu não tenho nada a ver com pastor, eu tenho com ela." Eu falei: "eu não tô falando com a senhora também, eu tô falando com ela. Ouve a senhora o pastor falar; ela já ouviu

¹ Gomes (1994, p. 243) diz o seguinte sobre essas "entrevistas" feitas com os demônios: *Na maioria das reuniões onde os demônios são levados a se manifestar, uma parte considerável do tempo é consumida a entrevistá-los e puni-los. A 'entrevista' não é feita com qualquer demônio, mas com alguns poucos, escolhidos ao acaso pelos pastores dentre os que se manifestarem ou selecionados porque insistiram em não se deixar expulsar nos exorcismos coletivos. Sobretudo os renitentes são trazidos ao altar e entrevistados. A entrevista consiste numa série de perguntas feitas pelos pastores aos demônios. As perguntas vertem sobre a atividade daquele demônio específico, tomada como modelo para a atividade dos demônios em geral. Dois elementos, ao menos, estão sempre presentes no interrogatório: a) "qual é o seu nome?"; b) "o que você está fazendo na vida dessa pessoa?"*

demais." E fui... fui puxando braço dela. Ela falou assim: "não, eu vou." "Então vamo!" Aí, ela levantou... veio vindo atrás de mim. Aí, eu falei: "cadê o Fabrício?" (o filho). Aí, eu perguntei onde ficava as criança, ela falou assim: "ah, fica lá em cima." Eu subi uma escada. Aí, ele me viu de longe assim, ele veio correndo e pulou no meu colo, né? E eu desci... aí viemo embora. Daí, ela pegou e veio me acompanhando. Aí, nós subimo pro rumo da praça, ía pegar o outro Corujão de... três hora, três e pouco. Aí, nós viemo discutindo. Ele, no meu pescoço e... conversando com ela, discutindo, bate-boca dali, bate-boca daqui.

Paulo, ao mencionar esse episódio, demonstra um aspecto relevante das relações sociais de gênero. Ele assume, e faz valer, sua condição de homem da casa. O que nos interessa aqui é exatamente como Paulo demonstra, inicialmente, sua força e autoridade como o chefe da casa e como isso é reelaborado no decorrer da história através da religião. Além disso, cabe destacar que o envolvimento das mulheres com a religião é muito maior que os dos homens, como se pode ver na história de Paulo e Teresa. As mulheres envolvem-se mais facilmente que os homens em denominações evangélicas, como as neopentecostais. Segundo Fernandes (1998, p. 86), o padrão de gênero veiculado pelas igrejas evangélicas acaba atraindo as mulheres para elas e indicam que:

- *há uma moral generalizada de contenção da sensualidade;*
- *esta moral tende a valer para ambos os sexos;*
- *ela implica uma simetria no compromisso de homens e mulheres para com a família no casamento.*

Esse padrão evangélico rompe com uma tradição ibero-americana que atribui aos gêneros valores diversos, assimétricos e complementares: honra masculina e pudor feminino, expansão da potência sexual masculina e contenção da sexualidade feminina, liberdade para o homem (sobretudo antes, mas também depois do casamento), castidade para a mulher antes do casamento e lealdade estrita depois, fascínio pela liberdade da mulher alheia e obsessão pelo controle da própria mulher, etc. esta assimetria e os simbolismos dela decorrentes são recusados pelos evangélicos, em grande medida.

Os conflitos domésticos são, então, um dos grande motivos que impellem as mulheres a procurarem a religião, especificamente as que trazem rápidas soluções para esses conflitos. Machado (1996, p.122) conclui que

(...) o pentecostalismo serve aos interesses práticos das mulheres, já que por meio dele elas podem "domesticar seus cônjuges", que uma vez convertidos abandonam o consumo da bebida alcoólica, as visitas às prostitutas e o vício do cigarro, canalizando o dinheiro para a família e suas demandas. E mais: ao condenar o orgulho, a arrogância e o uso da violência, e reforçar a passividade, a generosidade e a humildade em homens e mulheres, a doutrina pentecostal ajuda a mudar o poder relativo dos esposos, criando um modelo alternativo para a tradicional família patriarcal ou um "novo 'ethos' familiar".

Há, sim, uma reelaboração do padrão masculino por parte dos homens que se convertem, mas as relações tradicionais de gênero, no plano simbólico, não sofrem grandes mudanças. Aliás, o que pude notar, observando os casais e seus depoimentos e os sermões do pastor na igreja, é que alguns padrões tradicionais, em crise no mundo moderno, são novamente acionados e, dessa forma, juntamente com a mudança no comportamento prático dos homens, propiciam a atenuação dos conflitos na esfera familiar. O padrão tradicional, por exemplo, relacionado à submissão feminina, reafirmado e incentivado na Igreja Internacional da Graça de Deus e revestido pela idéia de "respeito ao marido", acaba por fortalecer a liderança e dominância masculina ao mesmo tempo em que reforça a necessidade do marido em assumir sua responsabilidade como chefe provedor da casa². Nas camadas populares, o fortalecimento do papel masculino como provedor da casa possibilita também um reconhecimento positivo por parte das mulheres que, voltando ao papel tradicional de esposas e mães, recompensam o marido com a submissão. Na revista *Carta Viva*,

² Burdick (1998, p. 87) traz uma explicação interessante sobre a conversão pentecostal e a amenização dos conflitos domésticos que pode também ser estendida à adesão ao neopentecostalismo: *O Pentecostalismo costuma ser considerado pelos não-crentes locais como que opressivos para as mulheres convertidas. (...) A religião, realmente, reforça uma variedade de normas patriarcais, inclusive a santificação do domínio masculino no ambiente familiar(...). Ainda assim, um número crescente de observadores tem percebido que as assimetrias do sexo no pentecostalismo são diferentes em importantes aspectos, daqueles que caracterizam as sociedades patriarcais maiores nas quais a religião existe. Por exemplo, tem-se alegado que, por desafiar a esfera de prestígio masculino no que respeita ao álcool, ao jogo, ao adultério, e assim por diante, o pentecostalismo torna o patriarcado menos lesivo para as mulheres.*

publicação mensal da Igreja Internacional da Graça de Deus, na sessão "O missionário responde", em que R. R. Soares, líder da igreja, responde às cartas dos fiéis, dois depoimentos demonstram essa questão aqui abordada:

Pergunta: *Tenho duas perguntas: meu esposo me dá uma determinada quantia para as despesas da casa e, dessa quantia, retiro o dízimo e as ofertas. Estou agindo certo? Não concordo com o fato de meu marido sair de casa para cuidar do pai. Sua irmã é solteira e tem condições de ajudar, mas prefere sobrecarregar o meu esposo. Esse problema tem afetado o nosso casamento. O que devo fazer? - S.P. F. - Americana, SP*

Resposta: *Entregamos o dízimo do salário ou do presente que recebemos, mas não do que nos é confiado para fazer as compras, a menos que você sinta de Deus para fazer assim. Quanto ao problema familiar, o melhor é orar e fazer a sua parte para que o esposo se converta. Com isso, essas coisas deixarão de acontecer.*

Pergunta: *Meu marido sempre me traiu. No dia em que nos casamos, ele saiu com outras mulheres. Acredito que não mudarei o meu casamento, se não for batizada com o Espírito Santo. Tenho orado e buscado esse Dom. missionário, estou agindo corretamente?- K. J. R. - Canelinha, SC*

Resposta: *O batismo no Espírito Santo poderá até ajudá-la, pois, com ele, nós recebemos o poder de Deus para fazer a obra do Senhor. No entanto, a Bíblia fala que as mulheres cristãs recebem uma habilidade maior de Deus para resolver os problemas do lar: "Toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derriba-a com as suas mãos '(Pv 14:1). Utilize essa habilidade e seja feliz.*

Podemos ver, através dessas respostas, que o papel tradicional de submissão da mulher em relação ao marido é evocado e recebe um significado "espiritual", divino, como se fosse uma virtude inerente à mulher tolerar e resolver os problemas domésticos.

Antes de continuarmos a história de Paulo, por ele mesmo contada, a fala de Teresa, sobre o porquê da procura primeiramente pela Igreja Universal do Reino de

Deus e, posteriormente, pela Igreja Internacional da Graça de Deus, apontam para o desejo de uma resolução efetiva desses problemas familiares, o que não encontrou na Igreja Católica, no Grupo de Casais. Quando perguntei a Teresa sobre o que a Igreja da Graça significava para ela, obtive a seguinte resposta:

E... aí cê vai procurar um Deus vivo ali (na Igreja da Graça), eu sei que é... Eu antes, eu tava num Deus morto, porque eu freqüentei muito a Igreja Católica... Nós fizemo encontro de casais, né? Depois nós paramo um tempo, depois nós voltamo de novo na Santa Cruz, né, reunimo um grupo de casais, a gente discutia tudo... na Católica. Eu achava que ia melhorar. A gente ia na Igreja, freqüentava a casa... de cada... cada semana fazia uma reunião na casa de... das pessoa, né, dos casais e eu achava que aquilo ia melhorar. Ele melhora... melhorava um pouquinho, eu falava: "ai, meu Deus, vai melhorar!" Mas não, não melhorava. (risada). Na outra semana ou na outra folga dele, aí piorava tudo de novo. Aí, eu vi que ali não era o meu lugar, ali também.

Teresa continua a fala, dizendo que "mudou muita coisa" na vida dela e na do marido depois que começaram a freqüentar a Igreja Internacional da Graça de Deus e conta alguns episódios em que o marido mostrava-se violento e tinha pouca responsabilidade em relação à família³.

Voltemos à fala de Paulo que expressa um processo de mudança bastante interessante depois da adesão religiosa ao neopentecostalismo:

E ela falou assim: "é... você viu que jeito que você chegou?" Eu falei: "não, eu só vi o jeito que eu saí pra vir te buscar." Aí... o ônibus chegou, fomo conversando, aí chegamo em casa... Aí, ela deitou, eu

³ Sobre essa deserção católica e o ingresso nas igrejas pentecostais e neopentecostais, Antoniazzi (1994, p. 21) apresenta uma explicação bastante pertinente: *É preciso fazer uma distinção entre o nível "macro" (das grandes estruturas sociais) e o nível "micro" (da experiência vivida pelas pessoas). No nível "macro", a Igreja [Católica] tem tido uma atuação significativa e, na opinião geral, positiva. Ela encontra inclusive uma forte aprovação na opinião pública, onde a Igreja Católica aparece como a instituição mais confiável do país. No plano, porém, dos problemas imediatos que a população sofre na carne- fome, falta de saúde, desorientação espiritual, desavenças familiares... - a Igreja Católica parece menos ágil e menos atenta, tendo inclusive renunciado às práticas terapêuticas tão procuradas por grande parte da população. Mais geralmente, não parece arriscado afirmar que a Igreja Católica aparece, aos olhos do povo, mais "secularizada" e, portanto, mais distante da religiosidade popular.*

deitei, eu comecei a conversar com ela... Eu falei assim: "isso não pode, né, tá acontecendo." Aí, eu peguei e resolvi abrir o jogo pra ela. Eu tava entrando num caminho, sabe, que tava ultrapassando da bebida. Eu tava começando a partir pro lado da droga. Aí, peguei e falei pra ela, né? Eu peguei e falei assim: "eu quero que você me ajuda, que eu tô entrando num caminho que se eu entrar nesse caminho realmente é difícil ter volta. Ela pegou e falou assim: "mas que caminho, cê é doido, que caminho, que que cê tá falando?" Ela pegou e falou assim: "eu vou te ajudar? Eu vou ajudar eu, eu vou largar de você." Eu falei assim: "se cê fazer isso, eu te mato!" Ela pegou e falou assim: "cê é doido?" Eu falei: "mato!" Eu falei: "então, cê tenta fazer isso!" Aí, eu peguei e falei assim: "eu tô te pedindo pra você me ajudar, agora você tá falando que vai largar de mim. Então, tudo bem." Aí, ela pegou e falou assim: "então me explica o que é isso." Aí, eu peguei e comecei a falar pra ela.

Depois de Paulo pedir ajuda a Teresa, esta iniciou a prática do proselitismo aberto. Apesar de parecer, inicialmente, que entre os evangélicos há uma "religiosidade feminina" (Fernandes, 1998), como fim em si mesma, na verdade há um apelo muito grande à conversão de todos os familiares daquele que se tornou adepto. O desejo de ter toda a família fazendo parte da denominação evangélica a que pertence esteve presente na maioria dos depoimentos e o incentivo ao proselitismo no interior da família, por parte do crente, também aparece claramente nos cultos neopentecostais. Neste ponto, os presbiterianos se parecem muito com os neopentecostais da Igreja da Graça. O próprio casamento endogâmico, ou seja, o incentivo ao casamento entre pessoas que façam parte da Igreja Presbiteriana, demonstra o desejo de perpetuar os ensinamentos religiosos desse grupo e de favorecer a formação de uma família que reproduza os valores presbiterianos. No caso da Igreja Internacional da Graça de Deus, pude perceber que o proselitismo está alicerçado no desejo de que os familiares, mesmo os mais distantes, possam usufruir também das bênçãos de Deus no presente imediato. É o desejo de tornar abrangente a "graça de Deus" a todos os parentes e familiares. Na Igreja Presbiteriana, o proselitismo, bem mais discreto e sutil, tem como alicerce a idéia de que aquele que não "aceita a Jesus" já está condenado a viver toda a eternidade no inferno. Por isso, há uma preocupação clara com uma pregação que reforce a idéia de

que o tempo é agora para aceitar a salvação da alma, antes que a morte chegue ou que ocorra a segunda vinda de Jesus Cristo. Há, também, essa preocupação entre os neopentecostais, embora fique em um segundo plano. O primeiro está relacionado ao presente, ao usufruir os favores de Deus no presente.

O proselitismo feito por Teresa em relação a seu marido, Paulo, é claro nas palavras dele, embora tenha consultado um primo, adepto da Igreja da Graça, antes de decidir-se⁴. A idéia de contágio está aqui presente, no que se refere à adesão religiosa. Se funcionou com o primo, ou seja, se a igreja mudou a vida do primo, seria muito possível que ela mudasse também a vida complicada em que ele, Paulo, vivia:

(...) foi até amanhecer o dia isso, essa conversa com ela. Aí, ela falou bastante... de Deus, falou bastante da Igreja. Eu falei assim: "a gente pode até ir numa Igreja, menos na Universal". Então, pelo meu pouco entendimento que eu tinha na época, eu falei: "eu posso até ir, menos na Universal," cê tá entendendo? Porque... até mesmo você vai tá ali dentro, você vai muito pelo impulso... tá? E não pelo coração, pelo que você tá sentindo. Por isso, muita gente vai lá até hoje, muita gente vai e não passa três, quatro mês ali dentro e pára de ir, desvia. Agora eu peguei... no sábado, né, que eu tava de folga, eu peguei e fui resolver, eu falei: "deixa eu conversar com o meu primo, que, no momento, é a única pessoa que eu conheço..." Ele começou na Graça. Aí, eu fui, eu conversei com ele, eu falei assim pra ele: "Zito... o bicho tá pegando pro meu lado." Ele falou assim: "o que que aconteceu, Paulo,? De novo?" Eu falei assim: "é, de novo!" Eu falei: "aconteceu isso, isso, isso, isso e pra mim chega!"... aí ele falou assim: "glória a Deus! Se tá saindo da sua boca que pra você chega, já é um grande passo. Se você tá arrependido, já é um grande passo." Aí, ele pegou e falou assim: "olha, Paulo, eu, em si, eu não posso fazer nada por você.

⁴ Bittencourt (1994, p. 31-32) aborda a questão do proselitismo no neopentecostalismo ou no PA (Pentecostalismo Autônomo): *As possibilidades de reprodução da proposta religiosa do PA são numerosas. Sabendo-se que desenvolve seu proselitismo também através de outros meios além da palavra, o discurso desempenha a função precípua de estabelecer um conjunto de valores básicos e simplistas, que qualquer pessoa pode guardar e facilmente reproduzir quando questionada. Essa escala de valores não traz nenhuma novidade. São velhos princípios socialmente aceitáveis e engendrados pela ordem estabelecida. (...) Disso decorrem as conquistas dos convertidos quanto à restauração de relações familiares e harmonia subjetiva. Contribuem ainda para a ascensão social, porquanto produzem trabalhadores "exemplares" e patrões mais "generosos".*

A única coisa que eu posso te falar é que se, realmente você falou que pra você basta, você procura um Deus, você tem que falar isso pra Deus de coração. Você abre seu coração e fala pra Deus... que ele vai te ajudar. Cê pode ter certeza disso. Da mesma forma que ele fez... a transformação na minha vida, ele vai fazer na sua. Desde que você crê." Ele falou assim: "hoje à noite tem, né, a reunião. Se você quiser ir, eu passo lá pra te pegar, a gente vai." Eu falei: "não, eu vou." Aí, foi onde ele me levou...

Chamo a atenção para o fato de Paulo negar-se participar da IURD. Esse fato é interessante porque, nas entrevistas, os informantes me disseram que a IURD é bem parecida com a Igreja Internacional da Graça de Deus e também que há um trânsito religioso intenso entre ambas. Um informante chegou a me dizer que os membros da Igreja Internacional da Graça de Deus são "primos" dos iurdianos. Outros, inclusive, vieram da IURD para a Igreja da Graça. O que, então, estaria por detrás do discurso inflamado contra os iurdianos, por parte de Paulo? Depois de analisar os discursos nos cultos por mim observados e os depoimentos dos entrevistados, a mim ficou claro o fato de que na Igreja Internacional da Graça de Deus o discurso, principalmente em relação às questões relacionadas ao dinheiro, é mais brando, bem menos agressivo e direto que na IURD. A relativa sutileza do pastor ao abordar a questão do dízimo e das ofertas, que devem ser feitas pelos fiéis, contrasta com a insistência agressiva dos iurdianos nesse campo. A "barganha cósmica" (Gomes, 1994) é explícita na IURD, enquanto que na Igreja Internacional da Graça de Deus, o momento destinado à captação de dízimos e ofertas é antecedido por explicações muito claras de onde será aplicado o dinheiro. O pastor da Igreja da Graça, nos cultos observados, dizia sobre a necessidade de dar o dinheiro porque, por exemplo, o aluguel da igreja, que custava cinco mil reais, iria vencer naquela semana. Falava também nos produtos de limpeza usados para limpar a igreja. Lembro-me dele ter dito sobre a necessidade de dar ofertas especiais para a reforma do teto do salão da igreja. Na entrevista feita com o pastor da igreja, pude perguntar-lhe sobre a questão polêmica dos dízimos e ofertas, bastante criticada pela mídia, de uma maneira geral. Perguntei ao pastor o que ele diria se uma pessoa perguntasse a ele para onde vai o dinheiro dos dízimos e ofertas. Ele me respondeu, dizendo:

Nós falamos pra elas, nós mostramos que... um exemplo, no meu caso aqui, a nossa igreja aqui, ela não é um prédio próprio, é alugado. Nós pagamos "x" de aluguel, nós pagamos "x" de água, pagamos "x" de luz. Temos as despesas, produtos de limpeza, enfim, o que precisa manter dentro de uma igreja e temos também por maior responsabilidade o programa de televisão. Como você sabe, qualquer programa de televisão não é barato, ele é caro. Então, esse dinheiro, quando ele entra primeiro suprindo a necessidade da igreja, cobrindo o aluguel, o local, depois o que sobra nós enviamos pra ajudar no programa de televisão do RR Soares, aonde é pregada a palavra de Deus não só para um grupo de pessoas ali na reunião dele, mas por todo Brasil e até por outros lugares. Aí a gente mostra, em nome de Jesus, pras pessoas aonde é que o dinheiro vai, aonde ele é colocado, investido.

Portanto, há, sim, entre esses neopentecostais uma relação entre uma vida abençoada e o ato de dar dízimos e ofertas, mas essa relação é atenuada no discurso através de explicações sobre a utilização do dinheiro, muitas vezes uma utilização especificada, como foi dito. No caso da IURD, o dinheiro é ressignificado e passa a ser a moeda sacralizada de troca com Deus. Essa postura em relação ao dinheiro pode ser vista também, entre os iurdianos, no que se refere à agressividade explícita nos cultos de exorcismo e cura divina. De fato, nesses cultos, televisionados muitas vezes, pode-se ver uma espetacularização extremada do mundo sobrenatural, ou seja, a IURD expõe em demasia o indivíduo possesso no momento da entrevista com o demônio ou com a legião de demônios que o possuem. Na Igreja Internacional da Graça de Deus, essa exposição é bem mais branda. As manifestações de possessão são tratadas, em termos gerais, de forma menos agressiva em relação ao possesso. Há uma coletivização na expulsão do demônio, o que possibilita diluir a atenção sobre um ou outro possesso em especial.

Essa postura menos agressiva, mais sutil, em comparação com os procedimentos iurdianos, da Igreja Internacional da Graça de Deus reflete a forma de liderança do missionário R.R. Soares, fundador da igreja. Pude vê-lo em um culto na Igreja da Graça em Ribeirão Preto e observei como ele se coloca de forma mais comedida, mais disciplinada e mesmo mais elegante, em comparação com o bispo Edir

Macedo, líder da IURD. Soares prega, exorciza e procede à cura de maneira mais suave. Fala também sobre ofertas e díizimos dentro de uma lógica que procura oferecer uma compreensão aos fiéis sobre a necessidade da doação relacionada aos gastos com os programas de televisão, principalmente. Talvez tudo isso tenha levado Paulo a ter uma certa repulsa pela IURD. A questão não é o teor da teologia, que é muito parecido entre ambas as neopentecostais. A questão é o como esse teor é transmitido aos fiéis.

No depoimento de Paulo, ainda, é importante destacar a questão da conversão. Ele demonstra que a palavra mudança é o centro da conversão e reafirma a análise de Bittencourt (1996, p. 27) sobre essa transformação:

Mais surpreendente ainda é a mudança que se verifica na vida dos convertidos que inclui a restauração de relações familiares e vicinais desgastadas, o repúdio à violência e uma conduta segundo padrões socialmente aceitáveis.

Vejamos o que Paulo nos diz sobre esse processo de conversão e mudança⁵ de vida:

Aí... sei lá, a gente chega na Igreja assim pela primeira vez assim... o pastor começa a pregar a palavra, mas parece que é uma coisa direto... parece que tá só você e ele assim...conversando, porque o que ele fala é tudo pra você. Então, cê vai analisando as coisa assim, você vai.... pondo na cabeça, você vai tendo entendimento da coisa. Você fala assim: "puxa, não tá longe pra gente ver que... basta a gente querer pra ter mudança na vida da gente..." E num tá longe... que eu acho que se você quiser mudar uma coisa, cê vai e muda, cê fala: "eu vou fazer em nome de Jesus!" Cê vai e faz. Quer dizer, desde que você tenha ele com você ali... né? Num diana você falar: "eu vou fazer sozinho", que você não faz nada, cê não vai a lugar nenhum. Cê tá entendendo? Foi daí que... eu passei a ir...Comecei a freqüentar...

⁵ David Martin (1990, p.185) define a conversão como uma transformação pessoal e familiar e complementa: *That transformation is conventionally called 'conversion', which etymologically simply means 'turning' or 'turning around'. People are 'turned around'; and they arrive at turning points. There are crises which lead sometimes to a spiral of disintegration and at other times to revisions and reorientations.*

comecei a ir de quarta-feira, né, reunião da família... pedia pra abençoar muito a família... Toda quarta-feira. É... de sexta-feira... a reunião da libertação... Então, na sexta é... oração da... da libertação, né?

Quando Paulo diz: "Num dianta você falar: "eu vou fazer sozinho", que você não faz nada, cê não vai a lugar nenhum", ele destaca a impotência humana em relação à mudança de vida pela qual deve passar o converso e atribui somente à intervenção divina a possibilidade de resolução dos problemas. Birman (1997, p. 69) diz o seguinte sobre isso:

(...) Basta a intervenção divina. Esta não parece concebida de forma a deixar aos homens um espaço autônomo de intervenção na esfera mundana - esta esfera está constantemente, ou melhor, constitutivamente referida à intervenção de Deus. Temos, pois, como princípio ontológico, a idéia de uma interferência contínua de Deus na ordem do mundo, através do vínculo que possui com os seus fiéis. "A fé cura", dizem também. Quer dizer, quanto mais se ativar este vínculo, maior será a intervenção divina no cotidiano dos indivíduos.

Paulo faz uma colocação importante abaixo. Ele aponta os conflitos que advém depois da conversão, depois de torna-se adepto da Igreja da Graça, em relação àqueles que continuam no "mundo". O informante fala sobre as pressões de seus amigos, principalmente no que se refere ao consumo de bebida. Mariz (1996, p.221-222) diz que "A luta de um indivíduo contra o seu alcoolismo não é assim uma luta apenas subjetiva do indivíduo consigo mesmo, mas é a luta da igreja contra a sociedade".

Na verdade, Paulo, em sua fala, aponta para a construção de uma nova identidade, uma identidade evangélica⁶, que "implica submeter-se a um processo profundo de transformação quanto às crenças e as práticas" (Fernandes, 1994, p. 196):

⁶ Pode-se pensar em uma identidade evangélica pentecostal, apesar da diversidade interna do pentecostalismo. Mariz (1996, p.223) afirma que (...) *a experiência com o universo pentecostal em relação a curas ou libertação parece ter características únicas, apesar da grande variedade de pentecostalismos - autônomo e tradicional, por exemplo - tal como reconhecida por seus próprios líderes e também pelos especialistas do tema. Embora esta variedade implique em formas distintas de*

Então, eu comecei a freqüentar, mas aí vem muita tribulação, vem amigos, né, que... Amigos, né?... que é de copo, que se você tá ali do lado bebendo, gastando com ele, você é amigo; se você começa a afastar, você não é amigo. Eu falo: "que é isso?" Mas eu, mesmo assim, eu permaneci, eu num pa... Igual... tem Sábado que eu joga bola com a mesma turma... né? Então, chegava, falava assim: "ah, você não vai tomar cerveja? Que é isso? Você?" Quer dizer, muita gente até aceitava, mas, não, mas aí eu tinha na minha cabeça... Não interessa o que eles num vai aceitar. Eu aceitando que eu não... não tô tomando, tá ótimo. Então, foi indo, foi indo, foi indo...

A fala de Paulo deixa às claras essa separação do neófito do "mundo" e seus prazeres. Ele torna-se diferente. Essa expressão, "ser diferente", e juntamente com ela um ordenamento: "Fazer diferença", é também muito comumente encontrada no protestantismo histórico. Os protestantes históricos, contudo, a utilizam para demarcar a diferença entre uma moral protestante, adquirida depois da conversão, e a moral vigente no mundo, em termos mais genéricos. Além disso, "ser diferente" significa também para os protestantes históricos ser "escolhido de Deus" ou ser "predestinado" por Deus, desde o fundamento do mundo, para gozar da vida eterna. Os neopentecostais utilizam essa expressão para demonstrar que são "privilegiados" no que se refere à atenção e à dispensa da graça de Deus, claramente demonstrada através de curas, melhoria nas relações familiares e de trabalho. A fronteira entre as forças demoníacas e as forças celestiais parece ficar estabelecida, através da conversão, na nova visão de mundo do adepto. Mariz (1997, 222) diz que

Para tornar o indivíduo livre da opressão que sofre pela sociedade mais ampla e pelo demônio, o pentecostalismo cria uma pequena sociedade de "libertos" - a igreja e a família - e apela para uma magia mais forte do que o demônio, Deus.

organização eclesiástica, em ênfases distintas na ética, na Bíblia ou no milagre, parece que o fiel que se sentiu "libertado" tem experiência similar, independente de sua igreja específica, quanto à sua nova relação com o sagrado e com sua nova forma de ver o mundo. Parece existir uma identidade evangélica única com base neste tipo de experiência que transcende as denominações.

Dentro desse processo todo de conversão e recriação de identidade, Paulo desencadeia uma outra questão importante. Assim como no protestantismo histórico, a conversão no neopentecostalismo é um ato ou um processo individual, pessoal, intransferível e não herdado. No entanto, a conversão produz mudanças que são e devem ser compartilhados. A relação vertical, com Deus, é individual, mas produz uma intensa relação horizontalizada, no sentido de promover e fortalecer o padrão de comportamento dos conversos. Bittencourt (1996) chama esse paradoxo do "PA" (pentecostalismo autônomo ou, em outras palavras, neopentecostalismo) de *individualismo coletivista*⁷. Pode-se ver esse paradoxo na fala de Paulo:

Até, muitas vezes, eu chegava em casa do sábado que eu ia jogar bola, nem ela (a esposa) acreditava. Ela chegava assim, olhava no meu olho assim, ela vinha, cheirava minha boca: "o que que tá acontecendo?" Eu falo: "ué?" Aí, eu pegava, até falava com ela, tinha vez que eu até discutia com ela, eu falava assim: "pra você, eu não tenho que dar satisfação a nada, né? Eu, meu propósito é com Deus e comigo mesmo, porque não adianta nada eu pegar... falar uma coisa pra você, eu virar e fazer. Eu não vou tá traindo você", eu falei, "eu vou tá traindo a minha própria confiança.... né? Vou tá traindo a mim mesmo". Então, chegou à conclusão que... é uma coisa que... Sabe, eu perdi muito tempo... perdi muito tempo. Se eu tivesse essa mesma cabeça que eu tenho hoje, esse mesmo pensamento, esse mesmo Deus que eu tenho no coração hoje, se eu tivesse há... há dez anos atrás, eu... teria muita coisa, sabe, melhor que eu tenho hoje. Mas eu dou glória a Deus hoje por eu ter acordado cedo, por Deus ter... aberto o meu coração... cedo, né, porque.... eu sou novo ainda, tenho muita coisa pela frente, né? Então... apesar das atribulação que a gente passa ainda, das dificuldade, mas... se fosse num...numa época antes, a gente... já tava brigando, já saía, a primeira coisa que era pros buteco, pros bar, tava com um cigarro no dedo... Quer dizer, eu... quando eu fui na Igreja eu parei de fumar de um dia pro outro. O que demorou

⁷ Bittencourt (1994, p. 31) explica: *A contradição presente neste título tenta apontar um paradoxo do PA: o mesmo aspecto que favorece e padroniza o comportamento massivo dá condições a cada qual de usufruir, a seu modo, dos bens simbólicos oferecidos.*

mais foi a bebida, que... eu ia... demorou o quê? Comecei freqüentar a Igreja, depois de uns dois, três meses que eu fui parar realmente de... pôr bebida na boca. (...) graças a Deus, não bebo mais, não fumo mais. Se eu te falar que eu vejo os outro beber, me dá vontade assim, se eu te falar é mentira, eu tô mentindo.

Paulo deixa clara uma questão muito freqüente na vida pregressa daqueles que se convertem ao pentecostalismo e ao neopentecostalismo, o alcoolismo e, vinculado a esse vício, o hábito de fumar. Mariz (1997, p. 204) esclarece que:

O alcoolismo, comum nas camadas populares, parece se constituir num fator importante, entre outros, de ingresso no pentecostalismo.

Quanto ao fumo, Mariz (1997, p. 207) afirma que:

Embora o hábito de fumar não cause tantos problemas pessoais e sociais quanto o de beber, a impossibilidade de parar de fumar, da mesma forma que a dependência do álcool, gera o sentimento de opressão da dependência alcóolica. Talvez por isso os entrevistados, embora não tenham sido indagados sobre esta questão, contam também como pararam de fumar e comemoram este fato como outra "libertação". Descrevem como a "vitória sobre o cigarro" e "sobre a bebida". Ambas narradas com muito orgulho e com o uso freqüente da palavra libertação.

Sem beber, nem fumar, sem "farrear", Paulo explicita a mudança para uma nova vida através de uma grande melhora nas relações familiares e também no padrão econômico da família. Atribui a Jesus o sucesso disso e ao Diabo e seus agentes o seu passado de pecado, mundano. De fato, segundo Birman (1997, p. 68),

O aspecto extraordinário, portanto, que diz respeito à conversão, é esta descoberta específica, que não há mal que Deus não possa curar. E, em conseqüência, qualquer evento, mesmo o mais banal, parece tanto ser exemplo do caráter extraordinário da presença divina quanto

exemplo do caráter absolutamente ordinário de Sua intervenção na ordem do mundo.

Perguntado a quem atribuía a mudança de sua vida, Paulo responde:

A Jesus.... a Jesus, porque... ele fez muitas maravilha, muita mudança na... na minha vida mesmo. Quer dizer... mas... por quê? Porque eu quis. Porque eu quis. Porque se eu quiser agora... a partir de agora falar assim: "não, eu vou parar, acabar com tudo isso, vou lá buscar... meia dúzia de cerveja, pôr aqui pra tomar, comprar um maço de cigarro, começar a fumar." Eu começo tudo de novo. Mas, não! Não por que? Isso daí vai ser... Isso daí, o que vai tá acontecendo? O... o Diabo vai tá assim... na minhas costa (Paulo bate palmas), vai tá aplaudindo, quer dizer, vai tá rindo, vai tá dando risada. Por quê? Por que ele falou isso? Ele falou assim: "eu ganhei ele pro mundo novamente." Não, eu não quero isso. Porque eu vi muitas... muitas vezes eu desse jeito tomando cerveja, fumando, assistindo televisão, bagunçando, às vez em casa... E minha vida só indo pra trás... só indo pra trás, cê tá entendendo? A partir da hora que eu quis parar com isso, com tudo isso... Que aconteceu? Deus me pegou no colo assim; me pôs lá em cima, cê tá entendendo? A partir da hora que eu comecei a exaltar ele, dar glória a ele pelo que tá acontecendo... né? Que que acontece? Minha vida foi tendo... foi tendo mudanças... foi tendo mudança e como tá tendo a cada vez mais, a cada dia mais... cê tá entendendo? No entanto, eu paro hoje, eu penso: "Senhor, graças a Deus! Obrigado, Pai, pelo dia-a-dia que eu tenho, pela saúde que eu tenho." Cê tá entendendo? "Pelo emprego que eu tenho." Cê tá entendendo? Ela não trabalha, ela me ajuda, que ela passa uma roupa pra fora, cê tá entendendo? Eu... consegui... pagar esse terreno, construir, pagando prestação de carro, pagando, sabe, sustentando eles, cê tá entendendo? Mas tudo... com ele aqui no coração, com ele... me encaminhando, cê tá entendendo? Cê... pode fazer muitas e muitas coisas... cê pode falar assim: "ah, eu não vou conseguir, não vai dar certo." Não, "em nome de Jesus eu vou conseguir, vai dar certo."

Num... num interessa donde vai sair, chega no dia, sai, cê tá entendendo? Acontece o que você tá esperando, mas tudo graças a ele.

Podemos perceber como a igreja reorienta a vida dos neófitos, desde que estes assim o queiram, e possibilita que vivenciem uma real melhoria de vida, tanto no plano financeiro como no familiar.

Além disso, a conversão leva o indivíduo a ter uma nova visão do mundo espiritualizado e a enxergar a guerra espiritual que ocorre nesse mundo. Mariz (1997, p. 49) deixa essa idéia clara:

A conversão ao pentecostalismo, então, significa não apenas uma nova forma de conhecer e se relacionar com Deus, mas também uma redefinição do diabo e de sua relação com o mundo. (...) No mundo pentecostal, espíritos e orixás continuam a existir, mas são demônios. O pentecostalismo assim atribui ao demônio um papel de maior destaque, identificando- com uma grande variedade de espíritos e definindo a sua vontade e o seu único objetivo de destruir o homem, afastando-o de Deus. Converter, aqui, consiste em redefinir o demônio ou descobrir um novo demônio ativo em áreas antes não percebidas como demoníacas.

Um novo universo, de seres sobrenaturais com funções diversas, passa a ser conhecido pelo novo convertido que o introjeta, o que implica uma reformulação de noções básicas em relação a princípios morais e éticos⁸ e a um sistema explicativo dos acontecimentos da vida e da própria existência. Este é o "segundo" ou o "novo nascimento" na versão neopentecostal. Os seres sobrenaturais passam a fazer parte do cotidiano do neófito e geram a certeza de que "tudo é possível àquele que crê", pequeno

⁸ Alguns estudos apontam o neopentecostalismo como fundante de uma religiosidade a-moral e a-ética. No entanto, os dados coletados neste trabalho apontam claramente em outra direção, a de que há um código de moralidade e ética estabelecido entre esses religiosos, embora seja diferenciado daquele defendido e praticado pelos protestantes históricos. Nesse sentido, concordamos com a argumentação de Mariz (1997, p. 55 e 58): *Embora claramente encantada, uma religião que salienta a idéia do diabo é também ética. O diabo torna uma religião, antes de tudo, moral. Há condenação; há o bem e o mal. (...) Nosso argumento é o de que, no contexto brasileiro, a ênfase pentecostal no demônio é um passo em direção a uma religiosidade mais ética e menos mágica. Através do demônio, o pentecostalismo reforça princípios éticos e atribui a estes uma legitimidade sobrenatural.*

versículo bíblico tão citado por protestantes históricos e por neopentecostais, mas vivenciado de forma tão diferenciada.

"Uma vida decente": o anseio presbiteriano de estabilidade familiar e financeira

Entre os presbiterianos, o desejo de melhora de vida pode ser também visto, mas tem uma conotação diferente. Para eles, momentos difíceis, em termos financeiros especialmente, não significam problemas espirituais ou castigo divino. Além disso, uma família que não tenha problemas de relacionamento parece vir primeiro na lista de prioridades desses protestantes. Vejamos o depoimento de Mariana, uma presbiteriana, que demonstra a idéia de que situações desse tipo fazem parte da vida. Ela diz o seguinte:

Eu sou tão... simplória! Sou mesmo. (risada) Não, sou mesmo. Eu sou... às vezes até eu me cobro... a ter um projeto maior. Assim, porque... o que eu quero mesmo é... eu... é família estruturada mesmo. Eu vejo assim... eu vejo assim... igual, por exemplo, na família do Antônio (o marido), mesmo o pai dele não sendo cristão, eu acho que a mãe dele conseguiu, sabe, aquele negócio, todos os irmãos... domingo ali comendo na mesa, brincando...

A família, entre os presbiterianos, tem um valor muito grande porque ela deve ser o lugar da transmissão e reprodução dos valores religiosos. É fato que essa transmissão, como veremos posteriormente, tem sofrido transformações. Mas, essas transformações não impedem que a instituição religiosa, entre os protestantes históricos, reafirme sua ordem através de algumas regras claras e fundamentais para a constituição familiar. Evoco, aqui, uma situação que ocorreu entre esses presbiterianos que demonstra como o pecado é banido por eles e a ordem é reafirmada. A gravidez de uma moça solteira da igreja ameaça a ordem religiosa estabelecida de que sexo antes do casamento é pecado⁹. O casal, então, é chamado pelo Conselho da Igreja e, para poder

⁹ A questão da sexualidade nas "religiões de salvação", como é o caso do protestantismo histórico, é abordada por Weber (1991, p. 402) que diz o seguinte: (...) *é também com Lutero, que viu na sexualidade intramatrimonial apenas o mal menor, para evitar a fornicação e a necessidade, por parte de Deus, de "passar por cima" deste pecado legítimo, sendo ele a conseqüência da insuperabilidade absoluta, criada pelo pecado original, da concupiscência (...). No reino divino de Jesus - bem entendido, um futuro reino*

casar-se no templo, tem que expor a situação diante de toda a comunidade, demonstrando arrependimento pelo ocorrido. Esse casal foi entrevistado. A moça, Cecília, então, conta-nos na entrevista o episódio quando, surpreendentemente, perguntada se havia alguma situação difícil que passara e a igreja a tivesse ajudado a superá-la.

(...) Eu acho que o problema assim... mais assim que... eu tive foi esse recente que aconteceu, né, da... gravidez, que... assim que a gente soube, a primeira coisa que meu pai fez foi chamar o pastor. Chamar não, ele foi até lá, né, conversou com o pastor, colocou, né, a situação...eu engravidei, né, antes do... .. do casamento, num relacionamento de namoro, né, e que não é aceito pela igreja, né? Ah, não... é... não é aceito porque... é o que diz a Bíblia, né, que... o sexo antes do casamento não é... correto antes, né, que se faça. E a igreja... crê nisso. E... não que eles iam me... crucificar, alguma coisa assim, mas como eu... sou membro da igreja, faço parte da igreja, eu... meu pai fez a... acho que a atitude correta, né? Ir lá.. e... procurar uma pessoa que também pudesse ajudar... espiritualmente e... dar conselhos e foi essa atitude, né? Procurou o pastor.

Sem dúvida, pode-se ver, diferentemente do que acontece na Igreja Internacional da Graça de Deus, que os presbiterianos têm, por um lado, uma relação direta com Deus que se supõe individualizada, mas também guardam uma relação extremamente marcada pela presença de laços familiares, no que tange à transmissão religiosa familiar intrincada com os princípios morais passados de geração em geração, e dos laços que se formam em relação aos membros da igreja. Nesse plano, o individualismo fica de lado e o bem da coletividade, mesmo relacionado a assuntos bastante privados dos indivíduos, passa a ser primordial. A igreja invade, e é convidada a fazê-lo pelos próprios membros, o espaço privado dos fiéis. A própria intimidade é publicizada na igreja, principalmente no que se refere à sexualidade. Escapam dessa publicização os adeptos que praticam o sexo mas ocultam essa prática. Ou seja, a gravidez é o sinal inequívoco do pecado para os presbiterianos. O corpo da mulher é

terrestre - , não haverá sexualidade alguma e toda teoria cristã oficial condenou precisamente o lado interno, emotivo, da sexualidade, como "concupiscência" e consequência do pecado original.

posto à prova constantemente entre esses religiosos. A vida que cresce dentro dela significa, fora do casamento, uma ameaça à ordem religiosa do código de moralidade dos presbiterianos. O momento da publicização é o momento também do encontro de antinomias que se enfrentam e que, finalmente, sintetizam e fazem prevalecer a linguagem eclesiástica sobre o certo e o errado. A vida e o cheiro de morte do pecado, a alegria de viver e a tristeza pelo pecado praticado, a sexualidade e a pureza do "ainda-não", a sagração do casamento e a profanação do corpo antes dele encontram-se nesse ritual. Para os presbiterianos, as coisas devem ficar claras, o que é pecado e o que não é. As possíveis dúvidas e o não enquadramento são lançados fora no ritual. Reconhecer e confessar o pecado a toda a igreja é a única forma de reverter essa situação, retirando-a do espaço do inclassificável e da dúvida. Por isso, intermediando esse momento de reelaboração dos preceitos eclesiásticos, aparece a figura do pastor. Ele representa a voz do que se deve fazer nesses momentos. É ele quem leva os pecadores a refazerem, diante da comunidade, o caminho de uma vida santificada, o caminho estreito dos filhos de Deus. O pastor leva de volta as “ovelhas fujonas” ao “aprisco”, pune-as, como exemplo, diante das outras e reestabelece a rotina do “rebanho”. Cecília continua a contar como ela e seu marido foram conduzidos novamente ao “aprisco”:

Aí, eu acho que foi o momento que a gente mais... precisou, né, da... (...) primeiro o pastor fez uma visita.. lá em casa pra gente... Fez oração, falando que tava do lado da gente, embora... sabendo que era errado, mas que... Deus perdoad, ele é ... onipotente, onipresente e que ele... tinha perdoado, se a gente realmente tinha arrependido dos pecados, desse pecado, não tinha porque eles... ficarem punindo a gente. Então, fez uma reunião com oração e depois marcou uma reunião com o conselho. Então... Ai, porque a gente... queria casar, né? Então... eles deixaram essa opção pra gente. Se a gente não.... se não quisesse, não precisava fazer nada disso. É, ou se não quisesse colocar diante... Porque... pra casar, tinha que colocar diante da igreja e não fazer uma coisa escondida, por exemplo...Vamo supor, eu ia lá, casava e... sem ninguém saber. Então, é o critério era... se eu quisesse casar naquela igreja, o pastor deveria anunciar à igreja o motivo do casamento que tava... que também.... que era gravidez, né? Então, por isso que foi feito a... essa reunião do conselho, pra saber a nossa

opinião, o que a gente achava, se a gente tava arrependido do que tinha feito, como que... o que que tava se passando por nós, se a gente tava casando... só pelo fato da gravidez ou se realmente tinha amor, se tava se sentindo forçado. Então, foi mais esse lado, do... pra ver se a gente tava... como tava...nosso pensamento e pra disciplina mesmo, pra tá conversando sobre isso. Aí, foi exposto pra igreja, a gente conversou, a gente tava disposto a isso, que a gente... queria casar ali e não o porque esconder também. O pastor num domingo de manhã... Aí, ele falou... com nós no sábado anterior e no domingo ele fez chamou a gente até a frente e disse que a gente ia casar, que a gente tava... noivo, que eu estava grávida, que o motivo era esse também. E... falou assim que eles não tavam apoiando o nosso... erro, mas sim... tava... é... como que eu vou dizer? Não tava apoiando, a gente errou, mas eles tavam ali pra apoiar a gente, não... não... o erro. E daí... aí... foi que ele passou isso pra igreja, pediu pra igreja entrar em oração pela gente, né, pra que desse apoio... apoio... moral, apoio... emocional, né? E não ficar falando.

Cecília termina de contar como foi aceita novamente pela igreja de uma maneira bastante curiosa. Ela demonstra um certo alívio em ter passado por esse ritual, como se, sem ele, o casal fosse vivenciar maiores dificuldades como consequência do pecado. Portanto, vê a igreja como um ponto de apoio, um refúgio no momento da crise. A família, dentro dos moldes presbiterianos, passa a ser reconhecida pela congregação e, depois da publicização da gravidez, recebe um novo *status*. O casamento anunciado, então, completa o ciclo de purificação, passagem ritual e reconhecimento. A importância da família, estruturada de acordo com os moldes religiosos, é revalidada e recebe as bênçãos de Deus através das orações dos "irmãos" da igreja. Pode-se ver, então, a importância da ação coletiva na vida privada dos adeptos.

(...)Então... acho que... de certa forma, a igreja ajudou muito, porque se a gente tivesse.... esquecido de tudo: "não, não vamo falar nada pra igreja, vamo ficar nós." Talvez num... porque eu acho que o apoio, as palavras das pessoas e a oração de todo mundo, acho que ajudou muito. (Cecília)

Podemos pensar esse rito como um "rito de agregação", segundo Van Gennep (1978), em que o indivíduo é colocado em suspensão até que venha ser reintegrado. É dessa forma, através da reintegração do pecador e do banimento do pecado, que a ordem social estabelecida no interior da comunidade religiosa é reafirmada.

Há uma outra questão que precisa ser tratada aqui, a da relação dos protestantes históricos com o dízimo e as ofertas feitas à instituição religiosa. Os presbiterianos, diferentemente dos neopentecostais, não estabelecem, ou pelo menos tentam não estabelecer, uma relação de causa-efeito com a divindade através do ato da doação de dinheiro à Casa de Deus. Se há, entre os neopentecostais, mesmo que relativamente sutil, como já foi dito em relação aos adeptos e à liderança da Igreja Internacional da Graça de Deus, a idéia de que "é dando que se recebe", ou seja, Deus abençoa quem doa de si e do seu bolso, entre os presbiterianos o dinheiro é visto de forma bastante prática. Ou seja, os presbiterianos vêem o dízimo como uma devolução a Deus de apenas 10% do que dele receberam e pensam as ofertas como um ato de gratidão a Deus pelas bênçãos extras que recebem. Mas o dinheiro é ressignificado no plano de sua utilização prática. Depois do ritual de ofertas, os presbiterianos parecem tornar o dinheiro algo bastante secularizado e que tem um fim específico, muito claramente colocado no boletim da igreja como prestação de contas.

Embora ambas as denominações religiosas, de certa forma e de maneira diferenciada, espiritualizem o dinheiro, o racionalismo calvinista dos presbiterianos prepondera nessa relação da dádiva dos fiéis. É de responsabilidade destes, segundo o discurso freqüente, sustentar a Casa de Deus e supri-la de bens materiais que possibilitem o exercício da ação social, como a distribuição de cestas básicas à população pobre da cidade que procura constantemente a igreja para auxiliá-la. Os membros da igreja que não dão o dízimo, não podem assumir cargos eletivos, como os de diácono e presbítero, na Igreja Presbiteriana. Essa é a sanção eclesiástica aos que se negam cumprir com sua obrigação em sustentar financeiramente a igreja.

A Igreja Presbiteriana, além disso, publica, como já foi dito, no boletim da igreja, mensalmente, o balancete correspondente às receitas e despesas da igreja. Há, também, um espaço criado para oferta especial, destinada ao sustento de missionários que se encontram em outros países ou em lugares distantes no Brasil. Quanto a ser "abençoados por Deus" por ter oferecido o dízimo à igreja, uma real obrigação dos

membros presbiterianos, há, sim, essa idéia também entre eles. Pude observar testemunhos, no momento de recolhimento dos dízimos e ofertas, de líderes da igreja que falaram sobre o sustento que Deus dá àqueles que devolvem uma pequena parte do que o próprio Deus dá a seus filhos. No entanto, o dinheiro tem o seu lugar entre os presbiterianos. Ele não envolve todo o universo espiritual deles, como acontece entre os neopentecostais. Entre estes, o dinheiro passa a ser o "mediador" das bênçãos de Deus, como bem coloca Sanchis (1996, p.51):

(...) Reencontra-se (no meio neopentecostal) o universo encantado 'tradicional', da mediação generalizada e do milagre quotidiano, localizado, procurado, previsível, mas mediado pelo dinheiro (o "mundo", o sinal do "profano") promovido, no horizonte da modernidade, a mediador abstrato universal. Até dos bens da graça.
(Grifo do autor)

O dinheiro, portanto, é ressignificado pelos neopentecostais e ao ocupar o lugar de mediação entre a bênção, o milagre e a dádiva do fiel, como prova de fidelidade e de fé, ele é visto como um elemento do bem, eticamente recuperado e acima de tudo uma forma de "ofensa" ao próprio Diabo, já que deve servir às coisas divinas. Além disso, as ofertas não são vistas, como são pelos presbiterianos, como um ato de gratidão. Na verdade, elas são um meio para se alcançar um fim, o de prosperar. Em um dos cultos observados, a fala do pastor da Igreja Internacional da Graça de Deus, no momento do recolhimento de dízimos e ofertas, reflete essa nova versão aplicada ao dinheiro:

Eu posso pedir uma oferta agora para ajudar a igreja? Posso ou não posso? Quando eu falo em dinheiro, o Diabo fica arrepiado.

Em relação ao desejo de estabilidade financeira, entre os presbiterianos, nos depoimentos e na circulação da idéia de desapego material feita nos cultos e através dos boletins, informativos distribuídos dominicalmente na igreja, percebe-se que há, por detrás dessa despreocupação com os bens materiais, duas questões centrais. Uma delas está relacionada à noção weberiana de "pessimismo". Este fortalece, curiosamente, o desejo dos presbiterianos de logo gozarem do "celeste porvir". Na verdade, esse

pessimismo em relação ao futuro do mundo parece se transformar, entre os presbiterianos, na certeza de que a volta de Jesus Cristo e a instalação de seu reino na terra está cada vez mais próxima. Portanto, o pessimismo se transforma em uma certa "alegria" porque é um sinal de que a esperança do "final dos tempos" não é e nem será em vão. Mendonça (1997, p. 142) diz que é essa clara sensação de que o milênio se aproxima que suporta a esperança dos protestantes históricos :

É isso [o fim dos tempos] que leva os protestantes em geral a se alegrarem com o crescimento do mal, e até com as grandes catástrofes, porque tudo indica o cumprimento das Escrituras e a aproximação do milênio. A função da Bíblia no protestantismo tradicional é essencialmente profética, não como denúncia, mas como o registro do cumprimento da história, história manipulada a partir da esfera do sobrenatural sem nenhum concurso humano.

O termo "maranata", que quer dizer "vem, Jesus", no sentido de uma invocação para que logo aconteça a segunda vinda de Jesus Cristo, é freqüentemente utilizado pelos presbiterianos e entoado através dos cânticos que focalizam a esperança da volta de Cristo. Portanto, o pessimismo em relação ao mundo e a idéia de que ele só tende a piorar, especialmente no que se refere às relações familiares e à violência, aparecem em todos os depoimentos dos entrevistados. Esse pessimismo, por sua vez, alimenta a coesão do grupo religioso em torno da esperança de "alcançar o céu". Contudo, e esta é a segunda questão, essa esperança é mola propulsora para uma reação desses religiosos em relação a se tornarem agentes para melhorar o mundo caótico, através do proselitismo e da assistência social. Isto implica, necessariamente, em uma inconsistência entre os presbiterianos referente a como deve ser a postura, paradoxal, sem dúvida, do convertido diante das agruras do mundo. O depoimento de Antônio expressa essa idéia:

Como todo mundo, eu também tenho minhas vaidades... tenho minhas ambições, mas... às vezes eu paro e... isso acontece sempre... A gente, quando começa a ler a Bíblia, a gente começa a ver as experiência das pessoas que viveram muito tempo atrás, outro tipo de vida, né? E eu começo a refletir o que que é realmente a vida, né, porque a gente... Às vezes eu acho que a vida vai ser só eu terminar

de... continuar trabalhando, trabalhando, trabalhando... pra dar um estudo pro meu filho, pra hora que... eu tiver velho, eu tenha um pouquinho de tranqüilidade... financeira e social. E... às vezes me dá vontade de dar um chute tudo... pro alto, porque a vida passa muito rápido, é muito pouco tempo que a gente tem aqui e, às vezes, eu tenho vontade de largar tudo e... viver uma vida... exclusivamente dedicada a Deus. Então... a gente sempre... fica nesse... E, ao mesmo tempo, a gente fica preso, porque a gente tem os valores também da sociedade que a gente tá aí... inserido, né?

O presbiteriano parece viver em dois mundos, no daqui, da terra, em que há normas sociais a serem cumpridas e, ao mesmo tempo, na "sala de espera" do outro mundo, o que é tão esperado, em que essas normas e regras não existem e só há o aconchego de Deus. São dois tempos que se interpenetram e que colocam o presbiteriano em um campo de transição, situação que lhe aguça o anseio de gozar dos prazeres e das delícias do "céu". A valorização da família tem uma relação direta com a idéia aguda do céu que têm os presbiterianos. Para eles, no céu não haverá casamento e nem haverá uma relação familiar entre aqueles que aqui na terra tinham laços familiares e de parentesco. Portanto, a família tem que ser extremamente valorizada no tempo de vida na terra. Aliás, usufruir as benesses do céu significa ter estabelecido boas relações familiares e cumprido bem o papel familiar que se ocupava aqui no mundo. Não há outra oportunidade para acertar as relações entre os membros da família e poder viver bem no seio dela. A única chance é nesta vida.

A essa noção do "que é a vida", presente na fala de Antônio, outra noção, a dos neopentecostais, aparece em contraste com ela. Ao contrário dos presbiterianos, os adeptos da Igreja Internacional da Graça de Deus recebem, nos cultos de libertação e exorcismo, uma dose muito grande de "esperança" para a melhoria de sua vida aqui na terra. Além do mais, ao ouvir que não é um "derrotado", que "merece o melhor da vida" e que "é capaz de tudo realizar", o fiel neopentecostal tem sua auto-estima elevada. Isso tudo, aliado ao "convite 'pare de sofrer', uma vez aceito pelo convertido, infunde nele uma autoconfiança anteriormente inexistente e o faz encarar a vida de uma maneira mais otimista". (Campos, 1996, p.358). Utilizo novamente as palavras de Campos (1997, p.103) para descrever a noção que diferencia os neopentecostais dos protestantes históricos:

A "teologia da prosperidade", mola mestra desse novo tipo de pentecostalismo, fez desaparecer as preocupações escatológicas com o fim do mundo, segunda vinda e destino da alma.

Esse otimismo, fortemente presente entre os neopentecostais, pode ser visto no depoimento de José. Quando perguntei a ele qual era sua maior tristeza, José respondeu falando sobre coisas que o incomodavam, mas deixava claro a todo momento que não era tristeza. Ao falar sobre coisas que o incomodavam, José demonstrava também a idéia de que "tudo tem solução" e que, através do "bom ânimo" que Deus "injeta" na pessoa, esta torna-se capaz de mudar a situação, assumindo um papel ativo nessa mudança. Vejamos a fala de José:

(...) Deus não quer a miséria de ninguém. Deus quer que primeiramente a pessoa aceite o evangelho. E a gente vai trabalhando, vai entrando. Ele coloca o bom ânimo e abre os caminhos pra pessoa. Às vezes a pessoa está desempregada... normalmente você reparar, fazer uma pesquisa com esse povo que está na rua, às vezes jogado, você vê que sempre atrás disso tem um problema. Porque tal diferença, porque que certas pessoas ficam jogadas e outras muito dinheiro, esbanjando e outras? Então cê vê que essas pessoas jogadas, quando elas aceitam o evangelho, atrás delas tem um problema, esse problema é solucionado. Às vezes essa pessoa não tem um serviço, às vezes a pessoa bebe demais... Deus consegue tirar tudo que é mal do coração da pessoa. Toda maldade, todo vício. Às vezes essa pessoa, se é preguiçosa, se não tem bom ânimo, a Bíblia nos ensina como devemos agir: "Tende bom ânimo", a Bíblia fala, "que eu estou contigo". Então o princípio é ver um serviço. Nós somos instruídos pela... pelo Senhor Jesus a ter bom ânimo, primeiramente. Ser uma pessoa animada e disposta... E o que a gente faz, nós aprendemos a fazer o melhor. Porque se eu sou eletricitista, Deus nos ensina assim, a ser o melhor.

O presbiteriano, contudo, não é um indivíduo passivo em relação ao desejo de estabilidade financeira. Assim como os neopentecostais buscam uma melhoria de vida e o fazem de maneira ativa, pragmática, os presbiterianos o fazem, mas o *ethos*

que os impele a fazer isso é diferente do dos neopentecostais. A busca por estabilidade financeira, entre os presbiterianos, está relacionada principalmente a uma preocupação com os filhos diante da idéia de que o mundo caminha para uma situação cada vez pior. As conclusões de Mendonça (1990, p. 143-144), apesar de muito "severas", são bastante esclarecedoras nesse sentido:

(...) a mentalidade típica do protestante de hoje mostra o forte colorido do fundamentalismo. Ele quer certezas, daí seu dogmatismo; ele se esforça por se auto-identificar, daí sua ética isolacionista. A mentalidade protestante é isolacionista e anticultural, antipolítica e passiva sob o ponto de vista religioso. Daí sua ausência na cultura. No cotidiano o protestante é ambivalente: refugia-se numa ética negativa para manter a auto-identificação e suprir a ausência de princípios dinâmicos. O comportamento do protestante está enraizado em sua teologia.

Finalizo com a fala de Mariana, que, a exemplo dos outros entrevistados, parece ter uma perspectiva bastante modesta quanto a condições financeiras no futuro relacionada principalmente ao bem-estar dos filhos:

(...) Mas, assim... eu quero... estar com o Antônio velhinha, né? E... o que eu quero é assim, é ter trabalho, cê entendeu?, não ter que ficar desempregada, aquela dureza... Então, ter condições assim... ter trabalho... de viver, pagar uma escola pra eles (para os filhos), faculdade, cê entendeu? Aposentar no Banco do Brasil... ter uma aposentadoriazinha... nada muito complicado. Essa vidinha que eu levo hoje ... no futuro, cê entendeu?

Essa "vidinha" a que se refere Mariana é, sem dúvida, um "vidão" para a maioria dos indivíduos que freqüentam a Igreja Internacional da Graça de Deus. Portanto, pensar em estabilidade financeira pode parecer algo modesto nas palavras dos presbiterianos, mas na boca dos neopentecostais, alcançar o patamar equivalente ao dos crentes de classe média que freqüentam a Igreja Presbiteriana, é fruto de um milagre dentro de uma sociedade em que a mobilidade social nas camadas populares é algo realmente milagroso.

Considerações finais

A idéia de uma vida plena somente no céu, que constitui a maior esperança que os presbiterianos podem ter, norteia o padrão de relações desse grupo religioso, principalmente no que se refere às relações intra-familiares. A “família de Deus”, a igreja, pressupõe, sobretudo, a reunião de famílias tradicionalmente constituídas em termos de relações de gênero e sexualidade. Assim, as formas alternativas de constituição familiar são vistas como uma ameaça ao padrão familiar tradicional, classificado como divino, embora os presbiterianos tenham que criar novos mecanismos para enquadrar essas formas alternativas e transformá-las em aceitáveis. Se isso não for feito, o grupo religioso não sobreviveria às mudanças contínuas que ocorrem nos arranjos familiares.

Entre os neopentecostais, a idéia de que o foco da esperança deve estar preferencialmente no momento atual, na melhoria da vida aqui na terra possibilita uma clara e radical mudança de vida do converso, especialmente no que tange ao relacionamento doméstico. A reordenação dos papéis de gênero tradicionais, na família dos conversos, e o abandono de hábitos de consumo relacionados, especialmente, a vícios, o que possibilita também uma melhoria do orçamento doméstico, propiciam a amenização das tensões familiares e uma certa estabilidade da relação afetiva entre os cônjuges. Assim, a conversão, entre os neopentecostais, significa também uma melhora das condições financeiras e de relacionamento no âmbito doméstico. Por sua vez, essa melhora reforça a noção de esperança desse grupo religioso, no presente aqui na terra, e impulsiona a busca de novas chances, por menores que sejam, de ascensão social.

Referências Bibliográficas

- ANTONIAZZI, A. et alii (orgs.) – 1994- *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BITTENCOURT FILHO, J. – 1994 – “Remédio Amargo” In ANTONIAZZI, A. et alii (orgs.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BIRMAN, Patrícia - 1997 - "Males e malefícios no discurso neopentecostal" In BIRMAN, P., NOVAES, R., CRESPO, S.(orgs.) *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

- BURDICK, John - 1998 - *Procurando Deus no Brasil: a igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Mauad.
- CAMPOS, Leonildo S. - 1996 - "Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflito" In GUTIÉRREZ, B. & CAMPOS, L. S. (orgs.) *Na Força do Espírito: os Pentecostais na América Latina: um desafio às Igrejas Históricas*. São Paulo: Associação Literária Pendão Real.
- CAMPOS, Leonildo S. - 1997 - *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Simpósio, São Bernardo do Campo: UMESP.
- FERNANDES, R. C. - 1994 - "Governo das almas. As denominações evangélicas no Grande Rio" In ANTONIAZZI, A. et alii (orgs.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- FERNANDES, R.C.; CARNEIRO, L.; MARIZ, C.; MAFRA, C. - 1998 - *Novo Nascimento - Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: MAUAD.
- GOMES, Wilson - 1994 - "Nem anjos nem demônios" In ANTONIAZZI, A. et alii (orgs.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MACHADO, Maria das Dores C. - 1996 - *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS.
- MARIZ, Cecília L. - 1990 - "Igrejas Pentecostais e Estratégias de Sobrevivências" In BRAGA, Júlio e outros (orgs.). *Religião e Cidadania*. Salvador, Bahia: EGBA/UFBA.
- _____ - 1997 - "O demônio e os pentecostais no Brasil" In BIRMAN, P., NOVAES, R., CRESPO, S.(orgs.). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- _____ - 1994 - "Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo" In ANTONIAZZI, A. et alii (orgs.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MARTIN, David - 1990 - *Tongues of Fire: the explosion of Protestantism in Latin America*. Cambridge, EUA: Blackwell.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. "Sindicato de mágicos: pentecostalismo e cura divina". *Estudos de Religião - Revista de Estudos e Pesquisas em Religião*. Ano VI, n. 8, outubro/1992, pp. 49-59.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia e VELASQUES FILHO, Prócoro - 1990 - *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.

- _____ - 1997 - *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo, SP: Editora da UMESP.
- NOVAES, Regina Reyes - 1985 - *Os Escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: ISER-Marco Zero.
- PINEZI, Ana Keila - 1999 - *A Família da Fé em Tempos Modernos: uma interpretação sobre constituição familiar, relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP - USP.
- SANCHIS, Pierre - 1996 - "O repto pentecostal à cultura católico-brasileira" In ANTONIAZZI, A. et alii (orgs.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- STEIL, Carlos A. "Pluralismo, modernidade e tradição. Transformações do campo religioso" - trabalho apresentado nas X Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina - Sociedad y Religion en el tercer Milenio. Buenos Aires, Argentina, outubro/2000.
- VAN GENNEP, Arnold – 1978 – *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda.
- WEBER, M. - 1991 - *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.